

# Fala diferente das demais

O caso Sivam (que alguns preferem chamar "da escuta") pode ter produzido resultados positivos para a política geral do País — a ser correta a interpretação que fazemos do discurso que o presidente Fernando Henrique Cardoso proferiu em Belo Horizonte, quinta-feira, no 2º Encontro Nacional de Consumidores e Donas de Casa. Podemos imaginar o público seletivo, desses com que o presidente se vê de volta a seus dias de professor. Em ocasiões anteriores, teríamos tido uma fala recheada de observações irônicas, *trouvailles*, palavras espirituosas para cativar os ouvintes. Nesse de Belo Horizonte, é outra personalidade que se desvela: a de um governante sereno, para não dizer humilde, pronto a reconhecer enganos. Jogo de cena ou mudança profunda? Se for jogo de cena, os espectadores que contam, os "interlocutores válidos" logo se aperceberão do que se trata e a encenação terá sido em vão; se for mudança profunda, o processo político terá muito a ganhar e a confiança na Presidência se restabelecerá.

Que disse o chefe de governo, que apesar de importante chamou pouca atenção? Várias coisas, uma valendo pelas demais: "As grandes decisões abstratas que nós tomamos todos os dias em Brasília só têm sentido se forem sentidas pelo povo como favoráveis ao povo. Muitas vezes elas são favoráveis e o povo não sabe; outras vezes são negativas e o povo não sabe." Os que têm acompanhado os discursos do pre-

sidente da República — e esse a que nos reportamos tem muito pouco a ver com os *discours fleuves* — dificilmente se lembrarão de frases como essas em que se reconhece, primeiro, que as decisões adotadas em Brasília são abstratas (*finalmente, esperamos, o chefe de governo tomou consciência de que vive na Ilha da Fantasia ou do Delírio Onírico!*); depois, que essas decisões podem ser desfavoráveis ao povo! Mea-culpa ou lembrança do *Eclesiastes* ("Vaidade das vaidades, e tudo. [é] vaidade"), raras vezes se terá visto o presidente da República (não falemos de seus ministros, quase todos, se não todos no Olimpo, de onde contemplam aquilo que imaginam ser a vulgaridade que os cerca) reconhecer que no governo "social" que veio transformar o Brasil se adotam decisões abstratas desfavoráveis ao povo.

Ao presidente que entoava loas aos êxitos do Plano Real (em muitos aspectos êxitos comprováveis empiricamente, como S. Exa. gostaria de dizer outrora), substitui-se o chefe de governo que não se acanha de dizer às donas de casa mineiras: " Fizemos algumas poucas coisas, é certo. O real, a queda da inflação, não é pouca coisa. O Brasil fez. Mas no que diz respeito especificamente ao modo como esta-



mos nos organizando e à relação do governo com a sociedade para que haja um controle de qualidade, para que o consumidor possa reclamar, para que realmente tenha vez e voz, estamos ainda engatinhando"! É dos Procons, sem dúvida, que o presidente fala; mas o plural "estamos apenas engatinhando" tem o sentido e carga com ele a admissão de culpa dos que tomam decisões abstratas. Da mesma maneira que o modo pelo qual se refere à Economia indica que S. Exa. tomou consciência de que o importante é a credibilidade dos que decidem: "Porque a economia (...) tem muito a ver com ciência humana, tem muito a ver com a capacidade dos outros acreditarem que vai ser assim."

Seria necessário ir mais longe? Cremos que não. Fiquemos por aqui. O discurso do chefe de Estado mudou, possivelmente forçado pelas circunstâncias do que sucedeu e está ocorrendo. Mudança que, como dissemos, pode ser positiva para o País. De fato, no instante em que o presidente da República volta a ser um cidadão simples como todos os outros, sabedor de suas limitações e da de seus auxiliares, descrente das sacrossantas virtudes dessa "ciência" chamada Economia (que antigamente era mais respeitada por ser entendida como

Economia Política), será possível ao Executivo descer de sua torre de marfim e começar a ver que, se as pesquisas de opinião apontam a popularidade do chefe do governo, isso pode ser efeito de o povo não saber que foram adotadas decisões abstratas que não o favorecem. Um banho de realidade sempre faz bem aos governantes.

Faz bem não porque o poder corrompa, como diria lord Acton, mas porque o poder deslumbra. É por isso que no *Eclesiastes* se cuida da vaidade dos governantes: "1.16. Eis que me engrandeci e sobrepujei em sabedoria a todos os que houvessem antes de mim em Jerusalém; na verdade, tenho tido

larga experiência da sabedoria e do conhecimento./ 17. ...e vim a saber que também isso era desejo vão./ 18. Porque na muita sabedoria há muito enfado; e o que aumenta o conhecimento aumenta a tristeza."

Confiemos em que a mudança de discurso do presidente indique real alteração na maneira de ver o mundo a partir do Planalto. Se for apenas jogo de cena para recuperar posições perdidas, S. Exa. verá que "tudo era vaidade e desejo vão".

**O discurso do presidente em Minas pode indicar mudança na sua maneira de ver as coisas**